

DOI: 10.33947/1980-6469-v14n2-3650

A HOMOSSEXUALIDADE SOBRE A PERSPECTIVA DA PSICANÁLISE, E OUTROS COMENTÁRIOS E EQUÍVOCOS DE TRADUÇÃO**A HOMOSEXUALITY ABOUT A PSYCHOANALYSIS PERSPECTIVE, OTHER COMMENTS AND MISCONCEPTIONS**Vinícius de Melo Batista¹, Armando Rocha Júnior²

RESUMO: O propósito deste trabalho, se possível, mesmo que brevemente, é demonstrar a visão freudiana sobre a homossexualidade, de como Freud a sustenta a partir do conceito de Complexo de Édipo, da bissexualidade originária e de como ocorre essa escolha do objeto de desejo do sujeito, colocando-a como uma posição libidinal de escolha de objeto diferente, entretanto, tão digna quanto a heterossexualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Homossexualidade. Heterossexualidade. Psicanálise. Instinto. Sexualidade.

ABSTRACT: *The purpose of this work, if possible, even if briefly, is to demonstrate the Freudian view on homosexuality, how Freud supports it from the concept of the Oedipus Complex, the original bissexuality and how this choice of the subject's desire object occurs, placing it as a libidinal position of choice of a different object, however, as worthy as the heterosexuality.*

KEYWORDS: *Homosexuality. Heterosexuality. Psychoanalysis. Instinct. Sexuality.*

1 Graduando em Psicologia pela Universidade UNG.

2 Universidade UNG.

1 INTRODUÇÃO

A homossexualidade para a psicanálise é uma posição libidinal tão digna quanto a heterossexualidade. Freud sustentava essa visão a partir do complexo de Édipo, que tem como base a bissexualidade originária que seria de caráter universal, ou seja, que está presente em todos os seres humanos, sendo que, a pulsão do sujeito tende sempre a satisfação. Essa pulsão não tem objeto específico, sendo este objeto no qual, ou através do qual, o sujeito busca sua satisfação da forma mais variável possível.

A homossexualidade ao longo da história da psicanálise é algo que gerou e ainda gera grandes e longas discussões entre os psicanalistas. Por conta de alguns termos e expressões usados por Freud, e por uma escolha indevida de palavras na tradução do alemão para o inglês feita por James Strachey, sucedeu-se equívocos, erros, complicações no entendimento de conceitos psicanalíticos, que foram usadas de forma errônea, ou possivelmente até mesmo mal-intencionadas para justificar preconceitos em relação a homossexualidade, tentando estabelecer a heterossexualidade como a única forma de sexualidade correta.

A psicanálise foi uma das mais importantes e influentes teorias na luta contra o preconceito aos homossexuais. Freud foi um dos grandes militantes de sua época no combate ao preconceito contra a homossexualidade. No entanto, alguns autores contemporâneos de Freud como, por exemplo, o professor Ernest Jones e alguns pós-freudianos, não enxergaram a homossexualidade da mesma forma como no caso de um autor da psicanálise contemporânea, Waldemar Zusman, que não leva em conta a verdadeira essência de Freud e da psicanálise, e sim, o próprio conceito moralista vigente na sociedade. Com isso, apesar do presente trabalho focar em um pequeno aspecto da obra de Freud, espera-se valorizar a visão do autor sobre a homossexualidade, e desfazer alguns equívocos causados por conta, como já foi dito, da tradução de alguns conceitos teóricos de Freud que foram deturpados por autores de visão, possivelmente, heteronormativa.

1.1 JUSTIFICATIVA

O presente trabalho torna-se relevante em razão

da homossexualidade ser um assunto que ainda gera diversos debates sobre sua explicação dentro da psicanálise, ocorrendo dentro da mesma, alguns discursos patologizantes. O trabalho tem como foco fazer um retorno a Freud para demonstrar a sua visão sobre a temática aqui proposta, frisando sua visão não patologizante, de que a homossexualidade se sustenta tão dignamente como a heterossexualidade. Buscando-se, se assim for possível, ajudar na disseminação do conhecimento psicanalítico e no combate ao discurso que tenta colocar a homossexualidade como doença a ser tratada.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 OBJETIVO GERAL

Discutir a visão da psicanálise sobre a homossexualidade.

1.2.2 OBJETIVO ESPECÍFICO

Discutir equívocos, tais como erros de tradução da obra freudiana e de termos e conceitos que contribuíram para a deturpar as ideias freudianas sobre a homossexualidade.

1.3 PROBLEMA

Qual a visão da psicanálise sobre a homossexualidade?

1.4 METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos aqui propostos, utilizou-se da pesquisa bibliográfica, que ocorreu a partir de registros disponíveis, decorrentes de pesquisas anteriores, utilizando-se de documentos impressos ou de materiais de fonte científica *on-line*, como livros, artigos, teses etc., de vários autores acerca da homossexualidade sob enfoque da psicanálise.

Fez-se uso da pesquisa exploratória com o objetivo de levantar informações sobre a homossexualidade, dentro dos limites psicanalíticos. Os dados foram levantados dos próprios livros de psicanálise e tam-

bém de autores contemporâneos que estudam a sexualidade humana considerando como base a técnica psicanalítica.

Finalmente, pretende-se buscar compreender a homossexualidade, a partir da perspectiva freudiana, procurando-se assim, contribuir com a despatologização da mesma.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 ESCLARECENDO ALGUNS TERMOS TÉCNICOS

Antes de introduzir o leitor à leitura sobre a homossexualidade na psicanálise, é necessário esclarecer, mesmo que brevemente, alguns conceitos que fazem parte do vocábulo psicanalítico e que são importantes para o entendimento do tema aqui proposto. Para Freud esses conceitos são fundamentais para a constituição da sexualidade humana e na formação de personalidade do indivíduo.

2.2 COMPLEXO DE ÉDIPLO

Para se dar início ao entendimento dos conceitos que fornecem a base da sexualidade humana e da formação da personalidade do sujeito, acredita-se não ter por onde começar se não, por umas das teorias de Freud mais famosas, se de fato não for a mais conhecida até mesmo pelo público leigo, que é o complexo de Édipo. Nessa teoria está que Freud destaca a tragédia do mito grego Édipo Rei que foi escrita por Sófocles, para descrever aquilo observado na clínica. Uma breve e objetiva explicação é fornecida por Laplanche e Pontalis (1992) que descreve o complexo de Édipo como sendo uma organização de desejos tanto amorosos como hostis que a criança tem para com os pais. Pode aparecer sobre duas formas, na positiva esse complexo se apresenta na forma de um desejo de morte do rival que é do mesmo sexo e um desejo sexual pelo sexo oposto. Sob sua forma negativa, ocorre o inverso, um desejo pelo progenitor do mesmo sexo e ódio ciumento ao progenitor do sexo oposto. Contudo, essas duas formas encontram-se em graus diversos na forma completa do complexo de Édipo. Para Freud, o complexo de Édipo tem o seu apogeu entre

os três e cinco anos de idade, durante a fase fálica; o seu declínio marca a entrada no período de latência. É revivido na puberdade sendo superado com maior ou menor êxito num tipo especial de escolha de objeto. O complexo de Édipo é fundamental na estruturação da personalidade e na orientação do desejo humano.

Partindo do complexo de Édipo, pode-se dizer que Freud sustenta a bissexualidade originária e universal no ser humano, que seria, a grosso modo, essa ambivalência de sentimentos amorosos e hostis para com ambos os pais.

Segundo Alberti (2013), Freud é muito claro alegando que não existe Édipo que não seja tanto “positivo” quanto “negativo”, ambos estão presentes na constituição do sujeito. O Édipo positivo seria aquele em que os pais, o do sexo oposto será investido sexualmente, enquanto o Édipo negativo ocorre o investimento sexual no pai que pertencente ao mesmo sexo.

2.3 OBJETO E ESCOLHA DE OBJETO NA PSICANÁLISE

Objeto para a psicanálise é tudo que a pulsão utiliza para satisfazer-se, o qual ou através do qual ela busca alcançar seus objetivos que é sempre a satisfação. De acordo com Laplanche e Pontalis (1992, p. 321-322) o objeto da pulsão se define como:

Enquanto correlativo da pulsão, ele é aquilo em que e por que esta procura pode atingir a sua meta, um certo tipo de satisfação. Pode tratar-se de uma pessoa ou de um objeto parcial, de um objeto real ou de um objeto fantástico (...) o objeto da pulsão é aquilo em que e por que a pulsão pode atingir a sua meta (...) é o elemento mais variável da pulsão, não está ligada a ela originalmente, mas só vêm colocar-se aí em função da sua aptidão para permitir a satisfação.

Já a escolha de objeto ocorre não por uma via simples e não predeterminadas em todos os sujeitos, pelo contrário, a escolha de objeto tem uma estreita relação com a história de vida do sujeito e sua singularidade. Segundo Laplanche e Pontalis (1992, p. 344) “Não significa que qualquer objeto possa satisfazer a pulsão,

mas que o objeto pulsional, muitas vezes marcada por características singulares, e determinado pela história - principalmente a história infantil - de cada um".

2.4 A HOMOSSEXUALIDADE SOB A VISÃO PSICANALÍTICA

Freud foi um desbravador, um militante da sexualidade em seu tempo. Ao longo da obra freudiana existem algumas ambiguidades, contudo, cabe aqui a ressalva de que Freud sempre foi de uma postura ética, como se pode ver ao longo de sua vasta obra, compilada ao longo de sua vida. Jamais adotou uma postura discriminatória contra os homossexuais. Diferente das principais teorias da época para explicar os "invertidos" (fator hereditário, degeneração cerebral, que tinha a heterossexualidade como norma), Freud desenvolveu sua teoria, que foi comprovada na prática, de que a homossexualidade é tão legítima quanto a heterossexualidade.

Segundo Ceccarelli (2013) nas leituras dos textos freudianos, mesmo que existam algumas ambiguidades, compreende-se que a homossexualidade é uma posição libidinal, uma orientação sexual, tão legítima quanto a heterossexualidade. Freud vem sustentar essa posição partindo do complexo de Édipo, fundado sobre a bissexualidade original, como referência central a chamada "escolha de objeto". Essa escolha que não depende do sexo do objeto é a base dos investimentos que ocorrerão futuramente, uma vez que os investimentos libidinais homossexuais estão presentes, ainda que no inconsciente de todos os seres humanos desde o início da vida.

Para Freud (1996/1905) acrescentou uma extensa nota de rodapé em seu texto "Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade", que enfatiza que todo e qualquer ser humano é capaz de fazer uma escolha de objeto homossexual e que de fato a consumou em seu inconsciente. As vinculações de sentimento libidinosos para com as pessoas do mesmo sexo desempenham, inclusive, um papel nada insignificante como fatores da vida anímica normal, sendo que, estas ocupam um papel maior do que as vinculações semelhantes com o sexo oposto, como motor do adoecimento. A psicanálise considera que a independência da escolha do objeto em relação ao

sexo do objeto, possui uma liberdade de dispor de objetos tanto femininos quanto masculinos da mesma forma. Essa característica observada na infância, nas condições primitivas e também pré-históricas, é a base originária da qual perante a uma restrição em um sentido ou no outro, se desenvolvem tanto o tipo normal como o invertido. Para a psicanálise, o próprio interesse sexual exclusivo do homem pela mulher é também um problema em si que exige esclarecimento, não podendo ser explicada de forma indiscutível por uma atração química.

Freud fala da bissexualidade do início ao fim de sua obra "Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade". Seu objetivo é explicar qual a visão que a psicanálise tem dela. Em relação ao problema da bissexualidade constitucional, Freud explica que não se trata de um fator biológico ou hereditário, mas sim de uma "disposição bissexual" universal de todo e qualquer sujeito (Jorge, 2013b).

Partindo da bissexualidade originária, Freud não considerava a homossexualidade como doença, algo a ser "corrigido" ou classificou os homossexuais como diferentes do resto da humanidade. De acordo com Roudinesco (2013, p. 137-138) Freud se recusou a classificar a homossexualidade como uma anomalia da sexualidade, como faziam os sexólogos da época. Ele também recusou qualquer forma de estigmatização fundamentada na noção de degenerescência. Em outras palavras, não separou os homossexuais dos demais seres humanos e considerou que todo sujeito pode ser portador dessa escolha, devido à existência, em cada um de nós, de uma bissexualidade psíquica. Como se pode ver nas próprias palavras de Freud (1996/1915) "A investigação psicanalítica opõe-se com toda firmeza à tentativa de separar os homossexuais dos outros seres humanos como um grupo de índole singular".

O pai da psicanálise em diversos momentos em seus escritos deixa bem clarificado a sua posição frente a homossexualidade. Como mostra Ceccarelli (2013), em 1903, quando a homossexualidade era tida como um problema médico e jurídico, o jornal vienense *Die Zeit* pediu que Freud viesse a se pronunciar sobre um escândalo que envolvia uma importante personalidade acusada de práticas homossexuais. (Freud citado por Ceccarelli, 2013, p. 156) responde que:

A homossexualidade não é algo a ser tratado nos tribunais (...) Eu tenho a firme convicção de que os homossexuais não devem ser tratados como doentes, pois uma tal orientação não é uma doença. Isto nos obrigaria a qualificar como doentes um grande número de pensadores que admiramos em razão da sua saúde mental (...). Os homossexuais não são pessoas doentes.

Freud respondeu em uma carta a Ernest Jones, que era até então o presidente da *International Psychoanalytical Association* (IPA), que se posicionava contra a admissão de um analista homossexual. Essa carta, que é assinada por Freud e Otto Rank. Nessa carta (Freud citado por Paoliello, 2013, p. 36) lê-se:

Sua pergunta, estimado Ernest, sobre a possibilidade de filiação dos homossexuais à sociedade, foi avaliada por nós e não concordamos com você. Com efeito, não podemos excluir estas pessoas sem outras razões suficientes (...) em tais casos, a decisão dependerá de uma minuciosa análise de outras qualidades do candidato.

Finalmente, para que não reste dúvidas sobre a posição de Freud em relação a homossexualidade, apresentarei aqui, com as próprias palavras de Freud, uma carta enviada a uma mãe americana cuja filho era homossexual. (Freud 1935, citado por Roudinesco, 2013, p. 108) escreve:

A homossexualidade não é evidentemente uma vantagem, mas não há porque ter vergonha disso, não é um vício nem uma depreciação e não poderia ser qualificada como doença; nós a consideramos como uma variação da função sexual. Vários indivíduos altamente respeitáveis, dos tempos antigos e modernos, foram homossexuais, entre eles encontramos alguns dos mais ilustres homens (Platão, Michelangelo, Leonardo da Vinci etc.). É uma grande injustiça perseguir a homossexualidade como um crime e também uma crueldade. Se não acredita em mim, leia o livro de Havelock Ellis.

1.5. PULSÃO (TRIEB) E INSTINTO (INSTINCT)

Um dos conceitos que é gerador de discussões

e causador de desvios teóricos, entendido muitas vezes de forma errônea é o de pulsão (*Trieb*) que na tradução do alemão para o inglês foi traduzido para instinto (*Instinct*) que acaba lhe dando um caráter biológico. Marques (2010, p. 470) destaca que uma das principais reduções do conceito freudiano e que acabou por gerar e alicerçar diversos desvios é a tradução que James Strachey que optou por transcrever a *Trieb* freudiana como *Instinct* na tradução inglesa das obras completas de Freud. Essa escolha desastrosa do termo acabou por favorecer a biologização deste conceito, como também acabou por reforçar a ideia do possível encontro com o objeto ideal.

Um exemplo de reducionismo do conceito de pulsão para o de instinto é realizado por Waldemar Zusman que era membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. De acordo com Zusman (1997, p. 7-8) “A atividade sexual se impõe aos seres humanos, bem como aos animais, sem se importar com o fato de que a chamemos de instinto ou pulsão”.

Porém, Freud distinguiu as diferenças de ambos os termos sendo a pulsão descrita como a libido, uma energia impulsionadora, ou seja, é uma força psíquica interior e constante, que movimenta o homem, e que tem como meta sempre a satisfação, da qual através de um objeto pode alcançar tal satisfação, sendo o objeto o mais variado possível, ou seja, o objeto não tem um padrão fixo. Já quanto ao instinto, Freud se referiu a algo mais animalesco, que tem tanto o objeto quanto as metas fixas.

Uma definição bastante clara sobre o que é pulsão para Freud nos é fornecida por Marco Antonio Coutinho Jorge em seu artigo sobre “O real e o sexual: do inominável ao pré-conceito.” Conforme Jorge (2013a), o conceito de pulsão é uma força constante que se dirige a um objeto inexistente (dimensão real do objeto faltoso) e que, assim, pode ser substituído por qualquer objeto, até mesmo é, às vezes, pelo espelho, conforme a descoberta fundamental de Freud sobre a importância do narcisismo no sexual. Para Freud, a pulsão é limítrofe entre o corpo e a mente, tem como fonte uma borda orificial e como alvo a satisfação inerente à baixa de tensão aumentada subitamente nessa região do corpo.

De acordo com o pensamento de Camargo (2009), Freud não usou a palavra instinto (*Instinkt*),

nem depois que a psicanálise já é nomeada, teorizada, e o método psicanalítico de tratamento psíquico fundado, sem precedentes na história, numa clínica ética e sob transferência. Freud refere-se à pulsão - (*Trieb*) - desde os seus escritos iniciais até o final da sua obra, à vida pulsional, fixou sendo relacionada à excitação, o estímulo, a força, a energia do impulso, à libido, às intenções inconscientes. E a pulsão pode variar de metas para atingir seus alvos e mudar de objetos para conseguir a sua satisfação. Já o instinto tem fixo tanto seu objeto quanto a sua meta.

O objeto não é fixo, pode variar de diversas formas, sendo o próprio sujeito, ou o outro, como o próprio Freud (1996/1915) destaca que o objeto de uma pulsão é o que essa usa para atingir a sua meta. Sendo que o objeto é o mais variado na pulsão e não está originariamente conectado a ela, na verdade vem a se tornar designado pelo fato de peculiarmente ser apropriado para possibilitar a satisfação. Esse objeto não precisa ser algo da ordem do alheio; pode ser até mesmo uma parte do corpo do próprio sujeito. O objeto pode mudar inúmeras vezes no curso que as vicissitudes que a pulsão sofre durante a sua existência.

Freud nunca utilizou o termo alemão *instinkt* (instinto) como alternativa ou sinônimo da palavra *trieb* (pulsão). De acordo com Carmo e Laurindo (2015), nas raras ocasiões em que se fez uso da primeira terminologia, estava relacionando a um sentido diferente do conceito de *trieb*, fora para tratar de um conhecimento inato, filogenético, hereditário, tal qual as migrações de animais silvestres nas mudanças de estação.

O termo "*Trieb*", escolhido por Freud foi para tratar especificamente da sexualidade humana, ao evocar a ideia de "força poderosa e irresistível que impele", marca a pulsão, enquanto conceito único e sem correlatos (...). A pulsão é uma *Konstante Kraft*, uma força constante cujo impulso parte de uma excitação interna, que tende a satisfação, por meio de um objeto inespecífico escolhido, tão somente, por se prestar com mais eficiência na contingência de uma dada situação (Marques, 2013, p. 60).

2.6 O USO DO "NORMAL" EM FREUD PARA A HOMOSSEXUALIDADE

O termo "normal" utilizado por Freud para descrever a heterossexualidade, também pode levar a um entendimento de que Freud descreve que somente a heterossexualidade é normal, e o que foge desse "padrão" seria considerado anormal, ou seja, doente, mas isso ocorre quando não levada em conta a posição ética de Freud adotada ao longo de toda sua obra. Segundo Quinet (2013), Freud frequentemente empregava o termo "normal" para a heterossexualidade, como no caso da jovem homossexual. Esse termo pode acabar sendo levado a uma interpretação do normal como sadio e do anormal como doente. Mas, a partir da posição ética de Freud e de seus textos sobre a moral sexual, podemos interpretar o "normal" em Freud como relativo à norma social e o anormal como "caminho proibido pela sociedade" segundo suas palavras.

2.7 FREUD "A ANATOMIA É O DESTINO"

Outra expressão de Freud que foi muito mal interpretada foi a paráfrase de Napoleão, "a anatomia é o destino". Frase essa, citada por Freud em seu artigo "Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor" de 1912. Utilizando essa paráfrase, Freud teve como finalidade dizer que as anatomias impõem certas condições. Como o próprio mestre destaca:

O excrementício está todo, muito íntimo e inseparavelmente, ligado ao sexual; a posição dos órgãos genitais — inter urinas et faeces — permanece sendo o fator decisivo e imutável. Pode-se-ia dizer neste ponto, modificando um dito muito conhecido do grande Napoleão: 'A anatomia é o destino' (Freud, 1996/1912, p. 196).

Talvez reste certa dúvida sobre o que Freud de fato quis relatar com essa paráfrase de Napoleão, para que o entendimento fique mais claro, pode-se verificar a explicação de Antonio Quinet. Em seu artigo sobre "Homossexualidades em Freud", Quinet (2013) nos esclarece que essa fala se refere ao real do corpo. Entretanto, o real da anatomia não impossibilita que os

sujeitos se questionem sobre a sua posição sexuada, ou seja, se de fato são efetivamente homens ou mulheres. Contudo, por mais que um homem não se sinta homem, assim como uma mulher não saiba o que é ser uma mulher, por exemplo, a menstruação, a menopausa, a gravidez, a ejaculação, a ereção e a detumescência são signos do real que a anatomia sexual impõem ao corpo. Devido a desnaturalização provocada pela entrada na linguagem, esses signos não são garantias nenhuma em relação a sexualidade. Ser macho e fêmea é da ordem do real que já é imposto. Ser homem ou mulher é uma escolha de gozo.

2.8 HOMOSSEXUALIDADE E PERVERSÃO

O termo perversão do ponto de vista do senso comum é sempre vista de forma negativa e associada a algo ruim, falta de caráter, doença, crueldade e etc. Em seu artigo “O caso Carlos: a natureza perversa do gozo”, Martinho (2013, p. 255) nos fornece uma explicação:

Há enorme confusão, que circula em diversos campos do saber, no que tange a perversão. Pode-se estar impresso no próprio termo ‘perversão’. Este parece conter uma tonalidade moralista que a marca do tempo não conseguiu diluir, gerando vasta polêmica quanto a sua aplicação. Vejamos que a etimologia do termo ‘perversão’ deriva da palavra latina *perversio*, do verbo *pervertere*, cujo registro data de 1444; significa “voltar-se para o outro lado”, “retornar”, “reverter”. Indica também “o que está às avessas”, “o que está fora de ordem”, “desordenado”, “desregrado”, “contrário ao que deve ser”, “defeituoso”, “vicioso”. *Pervetere* aparece também como “perverter”, “corromper”, “destruir” e “subverter”.

A definição de perversão também é encontrada no Vocabulário da Psicanálise. Laplanche e Pontalis (1992) definem perversão como sendo um desvio em relação ao ato sexual normal, este é definido como coito que tem como função a obtenção do orgasmo por penetração genital, praticada com uma pessoa do sexo oposto. É perversão onde este orgasmo é alcançado com outros objetos sexuais ou através de outras

regiões do corpo onde o orgasmo está totalmente subordinado a certas condições extrínsecas, podendo ser autossuficientes para ocasionar prazer sexual. De forma mais abrangente, a perversão é todo comportamento psicosssexual que acompanha meio atípicos de obter-se prazer sexual.

“O termo ‘perversão’ conserva, até hoje uma carga negativa; pois, no senso comum, e associado a crueldade, perversidade, doença, vício etc. A partir de Freud, a perversão não é considerada nem traço de caráter, nem doença” (Quinet, 2013, p. 92). Para Muribeca (2009), diz que originalmente, a perversão está relacionada à sexualidade, pois diz respeito às práticas sexuais que extrapolam o objetivo do coito. Nesses casos, o orgasmo é obtido através de práticas ou objetos desviantes do normal, sendo as perversões o resultado do desenvolvimento da pulsão sexual em zonas erógenas distintas dos genitais.

De acordo com Quinet (2013), foi com Freud, que a perversão foi retirada do campo da patologia e considerada como a essência da sexualidade humana. São “perversos” todos os jogos e práticas sexuais que se diferem do coito genital. Sendo deste ponto que parte Freud, em seu texto inaugural “Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, para demonstrar a existência da pulsão sexual em todo ser humano e sua declinação de acordo com as práticas ditas perversas: o voyeurismo, o exibicionismo, o sadismo, o masoquismo etc. Inicialmente Freud inclui, nessa lista de perversão a homossexualidade, chegando a usar, em alguns textos o termo “pulsão homossexual”. Porém, não mais a inclui quando a estuda e descreve, a partir dos anos 1914/1915, o funcionamento pulsional nos textos da metapsicologia, principalmente em “A pulsão e seus destinos”.

Segundo Mieli (2013) nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Freud tem dificuldades em dar uma definição de ‘perversão’, tendo em conta a natureza da própria pulsão. A perversão é originalmente compreendida como um desvio da pulsão em relação à sua meta ou objeto. Partindo dessa suposição, daria a entender que existe uma satisfação ‘normal’ da pulsão, uma pressuposição que as descobertas de Freud sobre o caráter perverso polimorfo universal da sexualidade humana põem em questão. Graças ao estudo sobre a sexualidade infantil, Freud aponta a peculiari-

dade da relação entre a pulsão sexual, sua meta e seu objeto. Sabemos que a meta da pulsão é a satisfação em si mesma. Diante disto, o objeto de uma pulsão seria; através do qual a pulsão se acha apta a atingir sua meta, sendo o objeto os mais variáveis possíveis.

Ao estabelecer que toda criança é “polimorfo perversa” e que a sexualidade permanece infantil no adulto, Freud indicou que a ‘sexualidade é perversa’, pois a pulsão sempre se satisfaz parcialmente utilizando-se de uma parte do corpo do outro como um objeto. Indicando, assim, que a sexualidade se pratica por pulsões, que são, pós-estrutura ‘perversas’. Sendo assim, o caráter universal da perversão, na sexualidade do ser humano (Quinet, 2013.).

A perversão são todas as práticas sexuais que desviam, ou seja, se diferem do coito genital. Não sendo a perversão obrigatória ou exclusividade da homossexualidade, como foi possível ver, ela pode ser encontrada tanto na heterossexualidade, ou na homossexualidade. De acordo com Quinet (2013), Freud ao longo de sua prática clínica vem a encontrar a homossexualidade como prática sexual em todas as estruturas clínicas: na neurose (histeria, obsessão e fobia), na psicose (esquizofrenia, paranoia e melancolia) e na perversão (voyeurismo, fetichismo, sadismo, masoquismo e etc). Diante disso, Freud demonstra que a homossexualidade, como prática sexual, não é, desse modo, um sintoma neurótico, não é uma perversão e nem indício de loucura. A homossexualidade é transestrutural. Ela é uma escolha de gozo do sujeito que se encontram em neuróticos, perversos e psicóticos.

3 DISSCUSÃO

Segundo Ceccarelli (2013), a homossexualidade é uma posição libidinal tão legítima quanto a heterossexualidade. Vem a ser sustentada por Freud através do complexo de Édipo, que tem como base a bissexualidade originária, sendo esta a referência central para a escolha do objeto para o sujeito. Laplanche e Pontalis (1992) definem o complexo de Édipo como sentimentos hostis e amorosos para com ambos os pais, sendo seu apogeu dos 3 aos 5 anos de idade, sendo este fundamental na estruturação da personalidade e na orientação do desejo humano. Para Jorge (2013b), sobre a questão da bissexualidade originária,

Freud diz não se tratar de um fator biológico ou hereditário, mas de uma disposição bissexual universal em todos e qualquer sujeito.

A psicanálise não considera a homossexualidade como algo que necessite ser tratado, pois não a considera como doença. De acordo com Freud (1996/1915), todo indivíduo é capaz e de fazer escolhas de objeto homossexual e de fato as fizeram em seu inconsciente. Segundo Roudinesco (2013), Freud se recusou a classificar os homossexuais como uma anomalia da sexualidade, não separou os homossexuais dos demais seres humanos, pois todo sujeito pode fazer uma escolha desse tipo, por conta da bissexualidade psíquica. Para Ceccarelli (2013), citando Freud, que diz que os homossexuais não devem ser tratados como doentes, pois tal orientação não é uma doença. Freud (1996/1915) afirmou que a investigação psicanalítica opõe-se com toda firmeza na tentativa de separar os homossexuais dos demais seres humanos.

Uma série de equívocos é possível de se observar na tradução da obra de Freud, equívocos dos quais dificultaram o entendimento de alguns conceitos psicanalíticos. Segundo Marques (2010), um dos principais conceitos freudianos que teve desvio de tradução foi o de *Trieb* (Pulsão) que foi traduzido por *Instinct* (Instinto) por James Strachey, equívoco esse que acabou dando um caráter mais biológico do conceito, acabando consequentemente reforçando a ideia do possível encontro do objeto ideal. Contudo, Freud sempre designou um significado diferente para o termo pulsão.

De acordo com Camargo (2009), Freud refere-se à pulsão como a vida pulsional, fixou sendo relacionada à excitação, o estímulo, a força a energia do impulso, à libido, às intenções inconscientes. A pulsão pode variar de metas para atingir seus alvos e mudar de objetos para conseguir a sua satisfação. Já o instinto tem fixo, tanto o seu objeto quanto a sua meta. Como o próprio Freud (1996/1915) descreve que o objeto de uma pulsão, é a coisa em relação a qual, ou através da qual, a pulsão se acha apta a atingir a sua meta. O objeto pode vir a ser o mais variável na pulsão não estando originalmente ligada a ela; este objeto se conecta à pulsão por possivelmente vir a possibilitar a satisfação desta pulsão.

Outro conceito psicanalítico gerador de equívocos é o de perversão. Segundo Martinho (2013), o

termo perversão deriva da palavra latina *perversio*, do verbo *pervertere*, que significa “voltar-se para o outro lado”, “retornar”, “reverter”, significando também aquilo que está às “avessas”, “o que está fora de ordem”, “desordenado”, “vicioso”, “defeituoso”, “corromper”, “destruir” e “subverter”. De acordo com Quinet (2013), o “termo perversão” conserva até hoje uma carga negativa, pois, no senso comum, é associada à crueldade, perversidade, doença, vício etc. Foi com Freud, que a perversão foi retirada do campo da patologia e considerada como essência da sexualidade humana. Sendo “perversos” todos os jogos e práticas sexuais que diferem do coito genital.

Segundo Muribeca (2009), originalmente, a perversão está relacionada à sexualidade, pois diz respeito às práticas sexuais que extrapolam o objetivo do coito. Assim, como para Laplace e Pontalis (1992) é o desvio em relação ao ato sexual normal, definido este como coito, que visa a obtenção do orgasmo por penetração genital, com uma pessoa do sexo oposto. Diz-se haver perversão: onde o orgasmo é alcançado com outros objetos sexuais ou através de outras regiões do corpo onde o orgasmo acha-se totalmente subordinado a certas condições extrínsecas, que podem mesmo ser suficientes, em si mesmas, para ocasionar prazer sexual.

De acordo com Freud (1996/1905), a perversão é de caráter universal da sexualidade humana. É considerado perversão todo ato que se difere da união dos genitais para a prática nomeada como coito; essas práticas são encontradas em pessoas que tem relações considerada “normais”. Alguns desses desvios são encontrados em pessoas que têm relações com animais ou crianças; supervalorização do objeto sexual; uso sexual da mucosa e dos lábios e da boca; uso sexual do orifício anal; significação de outras partes do corpo; fetichismo; sadismo; masoquismo; escopofilia e voyeurismo, esses dois últimos se tornam perversões quando são excessivos e se tornam a principal finalidade do ato sexual.

Conforme Quinet (2013), Freud indicou que a “sexualidade é perversa”, pois sempre se satisfaz parcialmente utilizando-se de uma parte do corpo do outro como um objeto, indicando, assim, que a sexualidade se pratica por pulsões. Sendo assim, o caráter universal da perversão, na sexualidade do ser humano. E Freud encontrou a homossexualidade como prática

sexual em todas estruturas clínicas: na neurose (histeria, obsessão e fobia), na psicose (esquizofrenia, paranoia e melancolia) e na perversão (voyeurismo, fetichismo, sadismo, masoquismo e etc). A homossexualidade, como prática sexual, não é, desse modo, um sintoma neurótico, não é uma perversão e nem indício de loucura. A homossexualidade é transestrutural. Ela é uma escolha de gozo do sujeito que se encontra em neuróticos, perversos e psicóticos”.

Nos dias atuais encontram-se diversos estudos sobre a sexualidade humana dentro da perspectiva psicanalítica, incluindo dentro desta a homossexualidade. Contudo, a maior parte dos estudos atuais dos quais foram utilizados para escrever este artigo tendem a compartilhar com a verdadeira essência da obra de Freud, que tem como concepção que a sexualidade de que a homossexualidade é apenas uma forma da pulsão de manifestar, ou seja, Freud nega à homossexualidade o caráter de patologia.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi possível ver ao longo deste breve artigo, Freud não possuía uma visão heteronormativa; o mesmo afirmava que a sexualidade humana compartilhava de um caráter bissexual. Esta bissexualidade é universal sendo que o desenvolvimento da sexualidade dos indivíduos sempre ocorre de forma singular. Desta forma, pode-se pensar o porquê da vasta diversidade sexual, tanto quanto os objetos de desejo, pois esses objetos são escolhidos por possibilitarem a satisfação da pulsão do indivíduo que deseja; o objeto está ligado diretamente com a história de vida e desenvolvimento do sujeito. Entretanto, a obra freudiana sofreu com alguns equívocos que acabaram por levar a entendimentos errôneos.

A obra freudiana sofreu com alguns equívocos ao longo de sua tradução do alemão para o inglês e consequentemente do inglês para o português. Esses equívocos além de dificultarem o entendimento da obra de Freud, acabou por darem um sentido mais biológico como, por exemplo, o caso da tradução de pulsão por instinto (um dos maiores equívocos da tradução) ou a levar a um entendimento errôneo, como no caso do conceito de perversão, sendo que este conceito na psicanálise significa os desvios em rela-

ção ao ato do coito, ou seja, práticas que extrapolam o objetivo deste coito. Sendo que, o orgasmo é obtido através de práticas ou objetos desviantes do normal, sendo as perversões o resultado do desenvolvimento da pulsão sexual em zonas erógenas distintas da genitália. Outro equívoco que ocorreu foi o uso da palavra normal paráfrase de Napoleão “a anatomia é o destino”, esse termo pode vir a acarretar problemas no real sentido da obra freudiana, pois o real sentido dessa frase se refere ao real do corpo anatômico que se impõe ao sujeito, no entanto, esta condição não impossibilita que o sujeito se questione sobre sua posição sexuada.

O breve estudo apresentado não tem como intuito desmerecer o trabalho de tradução de James Strachey, mas de mostrar alguns equívocos da tradução da obra e demonstrar a postura ética e não heteronormativa de Freud, pois, como se pode ver, o mesmo

nunca adotou uma postura discriminatória contra as homossexualidades, pelo contrário, o mesmo foi um grande militante em seu tempo sobre a questão da sexualidade humana, revolucionando a maneira de como era visto a sexualidade de forma geral, indo contra as padronizações de sua época, que tinha como critério de normalidade as relações heterossexuais. Freud com esta nova concepção acabou por colocar a homossexualidade como um caminho normal da pulsão sexual a se desenvolver, dito de outra forma, colocou a a homossexualidade como uma forma tão digna e normal quanto a heterossexualidade.

Este artigo não teve como intuito esgotar todas as dúvidas sobre a sexualidade humana, pois a mesma é um assunto complexo, contudo, buscou-se aqui demonstrar a visão de um autor que marcou sua época e, que ainda é contemporâneo e que influencia a contemporaneidade com suas ideias.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Sonia. Da bissexualidade ao impossível. In: **As homossexualidades na psicanálise**: na história de sua despatologização. São Paulo: Segmento Farma, 2013. Cap. 14, p. 181-189.
- CARMO, Maikon; LAURINDO, Michelle. **O amansamento da pulsão [Instinto]**: um efeito e não causa do tratamento. 1º Simpósio de Psicologia. v. 1, n. 1, 2015. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/sp2015?dd1=15840&dd99=view&dd98=pb>>. Acesso em: 13 de maio 2017.
- CAMARGO, Maria. **O conceito de pulsão (Trieb) na psicanálise**: conexões com a educação. Salvador: UFBA, 2009. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.
- CECCARELLI, Paulo. A invenção da homossexualidade. In: **As Homossexualidades na Psicanálise**: na história de sua despatologização. São Paulo: Segmento Farma, 2013. Cap. 12, p. 153-167.
- FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Tradução de J. Salomão. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (v. 7, p. 119-231). Rio de Janeiro: Imago, 1996a (Trabalho original publicado em 1905).
- _____, Sigmund. **Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor**. Tradução de J. Salomão. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (v. 11, p. 163-173). Rio de Janeiro: Imago, 1996b (Trabalho original publicado em 1912).
- _____, Sigmund. **Os instintos e suas vicissitudes**. Tradução de J. Salomão. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (v. 14, p. 117-144). Rio de Janeiro: Imago, 1996c (Trabalho original publicado em 1915).
- JORGE, Marco. 12 pontuações sobre a bissexualidade. In: **As homossexualidades na psicanálise**: na história de sua despatologização. São Paulo: Segmento Farma, 2013a. Cap. 17, p. 209-214.
- JORGE, Marco. O real é o sexual: do inominável ao pré-conceito. In: **As homossexualidades na psicanálise**: na história de sua despatologização. São Paulo: Segmento Farma, 2013b. Cap. 1, p.15-28.
- JONES, Ernest. **Vida e obra de Sigmund Freud**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1979. p. 739.
- LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: M. Fontes, 1992.
- LEWIS, Kenneth. **The psychoanalytic theory of man homosexuality**. New York: Simon nas Schuster, 1988. p. 33.
- MURIBECA, Mercês. **As diferenças que nos constituem e as perversões que nos diferenciam**. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372009000100014>. Acesso em: 16 de maio 2017.
- MARQUES, Luciana. **As homossexualidades na psicanálise**. 2010. Disponível em: <<https://www.uva.br/trivium/edicoes/edicao-ii-ano-ii/artigos/3-as-homossexualidades-na-psicanalise.pdf>>. Acesso em: 13 de maio 2017.
- MARQUES, Luciana. Sexualidade e ética na psicanálise. In: QUINET, Antonio; JORGE, Marco Antonio Coutinho (Org.). **As homossexualidades na psicanálise**: na história de sua despatologização. São Paulo: Segmento Farma, 2013. p. 59-64.
- MIELI, Paola. Uma nota a diferenciação estrutural freudiana entre neurose e perversão. In: QUINET, Antonio; JORGE, Marco Antonio Coutinho (Org.). **As homossexualidades na psicanálise**: na história de sua despatologização. São Paulo: Segmento Farma, 2013. p. 217-228.

MARTINHO, Maria. O caso Carlos: a natureza perversa do gozo. In: QUINET, Antonio; JORGE, Marco Antonio Coutinho (Org.). **As homossexualidades na psicanálise**: na história de sua despatologização. São Paulo: Segmento Farma, 2013. p. 255-269.

PAOLIELLO, Gilda. A despatologização da homossexualidade. In: QUINET, Antonio; JORGE, Marco Antonio Coutinho (Org.). **As homossexualidades na psicanálise**: na história de sua despatologização. São Paulo: Segmento Farma, 2013. p. 29-46.

QUINET, Antonio. Homossexualidades em Freud. In: **As homossexualidades na psicanálise**: na história de sua despatologização. São Paulo: Segmento Farma, 2013. Cap. 7, p. 89-105.

ROUDINESCO, Elisabeth. A psicanálise à prova da homossexualidade. Tradução de Consuelo Pereira Almeida. In: QUINET, Antonio; JORGE, Marco Antonio Coutinho (Org.). **As homossexualidades na psicanálise**: na história de sua despatologização. São Paulo: Segmento Farma, 2013. p. 107-117.